

ALGUMAS NOTAS SOBRE A ESTATUETA LÍTICA, COLETADA NO RIO PARU (ESTADO DO PARÁ, BRASIL) E PERTENCENTE ÀS COLEÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.

Napoleão Figueiredo
da Universidade Federal do Pará

Os artefatos líticos que, com mais frequência são encontrados na arqueologia da Bacia Amazônica, estão representados por machados de diversos tipos, raspadores, cunhas, punções, pontas de flexa, polidores, raspadores, quebra-côcos, todos eles associados a grupos ceramistas, portadores de cultura tipo Floresta Tropical ou Cacicados, na terminologia proposta por Steward & Faron (1959: 60-64).

Não há por outro lado, evidências de um horizonte lítico na Amazônia, relacionado com antigos grupos coletores e caçadores nômades, muito embora tenham sido registrados sítios dessa cultura, em outras regiões brasileiras e países limítrofes. Evans (1964: 442), Brochado et al. (1969: 23) e Meggers (1972: 15 e 24), nos esclarecem que, a compacta formação representada pela Floresta Tropical, na quase totalidade da região, ocultando ou camuflando os sítios arqueológicos; a escassez de matéria prima para a confecção de artefatos líticos, considerando-se o predomínio na região, de terrenos de formação aluvional terciários ou quaternários e a insuficiência de pesquisas realizadas,

por falta de profissionais atuando na área, dificultando assim, a localização desses sítios ramistas, tais como peças utilitárias, amuletos ou a objetos presumivelmente ligados à nos dá alguns informes sobre o assunto.

O mesmo não se pode dizer quanto aos artefatos líticos associados a grupos ceramistas, tais como peças utilitárias, amuletos ou a objetos presumivelmente ligados à experimentos religiosos, tais como os fusos, os muiraquitãs, as contas, os pingentes ou as estatuetas.

As notas mais antigas sobre as estatuetas, nos são dadas pelo Padre João Daniel (1976: 237-238) que nos informa que na Missão chamada Topajós (Tapajós), os índios da vila de Santarém "também idolatravam em ídolos e com muita dificuldade largavam os ritos e costumes de seus avoengos" e que, "as pedras todas tinham sua dedicação e denominação com alguma figura, que denotava o para que serviam". O missionário "mandou apanhá-las e deita-las no meio do rio, desejando afundar com elas a sua cegueira e idolatria".

Assim, quase todas elas destruídas pelo excessivo zelo catequista dos missionários católicos que atuaram na Amazônia na época colonial, poucas são as estatuetas líticas que chegaram até nós. As referências mais exatas sobre as estatuetas conhecidas, são encontradas nas obras de Rodrigues (1875), Neto (1885), Veríssimo (1889), Du Dreneuc (1889), Rodrigues (1899), Nordenskiöld (1930), Barata (1952) e Palmatary (1960). Todos esses cientistas utilizam o termo "ídolo", para designar esses objetos líticos. Preferimos, entretanto, utilizar a terminologia "estatueta" da mesma forma como foi utilizada por Corrêa (1965), para designar artefatos semelhantes, feitos em cerâmica, pois não sabemos ao certo se esses objetos, estavam associados à experimentos religiosos realizados por esses grupos em seus cerimoniais ou eram apenas "amuletos", e com tal, agiam por presença, dentro das diversas manifestações, nos níveis de integração sócio-cultural, partilhados pelo grupo (adaptativo, associativo ou ideológico) que os produziu ou utilizou.

Essas poucas estatuetas conhecidas estão hoje depositadas em várias Instituições de Ciência no Brasil e no Exterior. Nenhuma delas foi coletada em corte estratigráfico, onde fosse possível fazer sua inclusão na seriação e tipologia do sítio escavado.

Uma dessas estatuetas, já apresentada ao mundo científico em desenho (Rodrigues, 1875 e Palmatary, 1960) e fotografia (Conselho Federal de Cultura, 1973), foi adquirida em antiquário no Rio de Janeiro em 1967 e está hoje depositada no Laboratório de Etnologia, do Departamento de História e Antropologia (CFCH) da Universidade Federal do Pará. Tombada sob o n. 1 — Arqueologia (UFPa. Patrimônio 14513), faz parte das coleções científicas da mesma Universidade.

Essa estatueta foi coletada no século passado por Rodrigues (1899: 208-210) na costa do rio Parú (Estado do Pará), que assim registra o achado: "Tendo chegado a meu conhecimento que há mais de 50 anos, quando se cavou o solo na costa do Parú para se plantar o cacocal que hoje existe, se tinham encontrado entre fragmentos de louça de barro alguns muiraquitãs e figuras de pedra, envidei todos os meus esforços em ver se encontrava alguma. Por felicidade soube, na cidade de Óbidos, que o finado vigário, o padre protonatario apostólico Antonio Sanches de Brito, teve uma figura que lhe servia de ornato de mesa, mas que desaparecera.

Dirigi então minhas pesquisas para essa figura e pude saber que existia enterrada no quintal da casa onde o mesmo vigário morou e o atual mora. Encarregando um fâmula da casa de o procurar, trouxe-me a agradável nova de que o encontrara, mas que não me trazia por temer cair no desagrado do vigário. Encarregando então ao meu amigo o Dr. Casimiro Godinho Borges de Assis, hoje falecido, de o obter do mesmo vigário, este trouxe o precioso achado, que das mesas passou para as mãos das crianças e destas para a terra. Era conhecido entre as crianças de então por diabo.

Qual não foi o meu contentamento reconhecendo nele um ídolo, e tendo as informações de sua procedência.

Procurando diversas pessoas contemporâneas do finado padre Sanches de Brito, todos afirmaram-me ser da costa do Parú; apenas uma me disse que pensava ter sido encontrada no lago Uaikurapá. Recorri à fonte mais pura: dirigi-me ao Paraná-Miry de Cima, a casa de uma irmã do referido vigário, que com o mesmo sempre morou e dela e de um velho fâmulô soube ter sido encontrada na costa do Parú por um indivíduo que a oferecera ao vigário. Estava para mim feita a luz.

Depois do histórico só me resta descreve-lo.

Compõe-se de duas figuras, um carnicheiro procurando devorar um quelônio. Tem de altura 0 m, 158; de largura 0 m, 9 e de comprimento 0 m, 15 compreendidas ambas as figuras.

Assentada sobre um jaboti (testudo), uma onça (felis) com as garras das mãos segura um enfeite de fantasia, que suspenso pela língua passa por cima da cabeça do jaboti e pela parte superior do pescoço, onde se encontram os dentes da maxila inferior da onça.

O jaboti tem um longo pescoço erguido perpendicularmente terminando em uma cabeça, que pela forma e posição afasta-se inteiramente das de todos os quelônios. Procurando achar analogia entre esta e as de algum outro animal, não encontrei, o que faz-me crer que a fantasia guiou a mão do artista, que na figura da onça não desprezou caracteres que a tornam bem conhecida. Tanto a fantasia guiou o artista, que, além do enfeite que mencionei, ainda ornou o pescoço do mesmo jaboti com uma coleira enfeitada por uma grega. A forma da cabeça é alongada, plana na parte inferior e semi-convexa na superior, afilando-se para o focinho.

Este tem lateralmente saliências que indicam beiços levantados pela pressa interna dos dentes, e pela parte superior de uma linha elevada que, passando pelo meio do maxilar inferior, vai terminar na altura do frontal, que fica encoberto pela língua da onça. Os olhos afetam a forma de um semi-círculo, com parte convexa para cima. A cabeça e o pescoço do quelônio apresentam formas angulosas, de que se ressentem também os da onça. Tendo a cabeça a forma semiglobulosa do genero felis, tem contudo as mandíbulas longas e tão abertas que entre elas forma-se um angulo reto. Afasta-se no comprimento a maxila, a forma porém dos dentes caninos e molares, caracteriza o carnicheiro.

Tão exato foi o artista ai que até deixou na maxila superior o lugar vazio onde se implanta o canino inferior. Um descuido teve, contudo, nos incisivos, marcando só quatro. A forma das narinas, a posição das orelhas, a colocação dos olhos e mesmo a forma do pescoço se aproxima do terrível habitante das selvas. A posição do corpo

e das extremidades, angulosamente trabalhadas, aproxima-se das dos quadrumanos, tendo porém, as mãos iguais às dos carneiros, com suas cinco garras. O aspecto geral é de uma onça, yauareté dos indígenas. A cauda, infelizmente partida, pela porção que existe, mostra ter sido levantada.

Apesar da incorreção do desenho, e da fantasia do artista, vê-se que era hábil e observador da natureza. Os costumes que tem os carneiros do género felis, de vir, anualmente, no mês de setembro, época em que estão no cio, devorar os jabotis e tartarugas, levou o artista a escolhe-lo como o símbolo do deus de suas pescarias, procuranúo a mãe da onça como o mais poderoso para subjugar a dos jabotis, que da caça são os mais produtivos, por lhes fornecer não só a carne, como os ovos, a gordura e o casco, que então até para ferramenta servia.

Que era um ídolo de caça, não só denotam as formas, como confirmam dois furos feitos na parte posterior obliquamente a sair na inferior, para por eles passarem-se cordas afim de ser ligado à proa da montaria (canoa). Tem esses furos de diâmetro 0m,015. O que admira é a perfeição que existe em todo o trabalho feito em um só pedaço de serpentina."

O coletor e descritor dessa estatueta, "considerado por Von Ihering a figura mais proeminente entre os naturalistas que nasceram no Brasil, João Barbosa Rodrigues distinguiu-se nos ramos da Botânica, da Etnografia e da Arqueologia brasileira.

Foi um grande estudioso da região amazônica, percorrendo em 1874 os rios Tapajós, Urubu, Jatapu, Uatumá, Trombetas e Capim e, publicando a êsse respeito, cinco relatórios em 1875.

Sua obra constante de 85 volumes, é preciosa; em Etnografia fez estudos minuciosos sobre os muiraquitãs, os materiais indígenas de pedra polida, as tribos indígenas e sua lingüística; em Geografia, suas observações são acertadas e interessantíssimas; seu estudo sobre a pororoca do rio Capim é ainda clássico.

Barbosa Rodrigues foi Diretor do Jardim Botânico do Amazonas, em 1883, e do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, desde 1890 até sua morte, em 6 de março de 1909." (Rocque, 1968: 1508-1509).

Muito embora Palmatary (1960: 87-89), inclua, estude e analize, juntamente com outras, essas estatuetas, como "ídolos" em sua classificação de artefatos líticos: implementos, muiraquitãs, contas, figuras, ídolos, objetos com formas geométricas e miscelânea (Palmatary, 1960: 74), nas áreas de incidência, por ela concebidas, das culturas Tapajó e Konduri, mesmo utilizando-se uma metodologia decalcada em bases de uma análise estilística, não encontramos nenhuma correlação de estilo entre as mesmas estatuetas e o restante dos artefatos produzidos por essas culturas.

A bibliografia arqueológica sobre a cultura dos Tapajó, contemporânea da conquista da Amazônia, embora bem extensa, é paupérrima quanto à reconstituição da mesma, pois não existem cortes estratigráficos, nem sequências seriadas, nos sítios escavados. Os estudos existentes, estão limitados à abordagens históricas, estilísticas ou de interpretação de estruturas sociais entre os Tapajó (Figueiredo, 1977: 43).

No que diz respeito à cultura Konduri, a mesma é provavelmente proto-histórica

e nas escavações realizadas na área de sua incidência, por Hilbert (1955), nenhuma peça lítica assemelhada à uma estatueta foi encontrada.

Se tomarmos por base as tradições ceramistas encontradas na Amazônia: Hachurada-Zonada, Borda-Incisa, Policrômica, Inciso-Ponteadada, Tupiguarani, Mina e Fases não filiadas (Simões: 1972: 11-12), não vamos encontrar correlações entre essas estatuetas e os artefatos líticos, produzidos pelos grupos humanos que integraram essas tradições arqueológicas.

Nas áreas da Amazônia Legal para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos, fixados por Simões & Araujo-Costa (1978: 87), no Estado do Pará, a área AM (Almerim) onde está localizada a região na qual essa estatueta lítica foi coletada, não há nenhuma indicação de ter sido recolhida, nos sítios prospectados, outra peça semelhante ou parecida com a mesma.

Isto posto, tudo nos leva a acreditar, que a estatueta (*) coletada no rio Parú, no século passado, por Barbosa Rodrigues, é uma peça de troca (trade-piece), provavelmente oriunda da região andina-colombiana, recebida pelo grupo tribal que ocupava essa região.

(*) As fotos que ilustram o presente artigo pertencem à fototeca do Laboratório de Etnologia da UFFa.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BARATA, FREDERICO

1952 — Arqueologia, IN As Artes Plásticas no Brasil I. Rodrigo M. de Andrade, Coord. Empresa Gráfica Ouvidor. Rio de Janeiro

1954 — O Muiraquitã e as "Contas dos Tapajó", IN Revista do Museu Paulista. NS. N.º 8. São Paulo

BROCHADO, JOSÉ PROENZA et alii

1969 — Arqueologia Brasileira em 1968. Relatório Preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Publicações Avulsas N.º 12. Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO

1973 — História da Cultura Brasileira. Vol. I, Manuel Diégues Jr., Coord. Conselho Federal de Educação. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro

CORRÊA, CONCEIÇÃO GENTIL

1976 — Estatuetas de Cerâmica na Cultura Santarém. Publicações Avulsas N.º 4. Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém

DANIEL, PADRE JOÃO

1976 — Tesouro Descoberto no Rio Amazonas, IN Anais da Biblioteca Nacional. Vol. 95. Tomo I. Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro

DU DRÊNEUC, PITRE DE LISLE

1889 — Nouvelles Découvertes d'Idole de l'Amazonie. E. Le Chevalier. Paris

- EVANS, CLIFFORD**
 1964 — Lowland South America, IN Jennings, J. D. & Norbeck, E., Ed. — Prehistoric Man in the New World. University of Chicago
- FIGUEIREDO, NAPOLEÃO**
 1977 — Amazônia: Tempo & Gente. Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura Municipal de Belém, Belém
- HILBERT, PETER PAUL**
 1955 — A Cerâmica Arqueológica da Região de Oriximiná. Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. Publicação N.º 9. Belém
- MEGGERS, BETTY J.**
 1972 — Prehistoric America. Aldine-Atherton. Chicago
- NETTO, LADISLAU**
 1885 — Investigações sobre a Arqueologia Brasileira, IN Arquivos do Museu Nacional. Vol. 6. Museu Nacional. Rio de Janeiro
- NORDENSKIÖLD, ERLAND**
 1939 — Ars Americana I. L'Archéologie du Bassin de l'Amazonie. G. van Oest. Paris
- PALMATARY, HELEN C.**
 1960 — The Archaeology of the Lower Tapajó Valley. Brazil. The American Philosophical Society. New Series. Vol. 50. Part 3. Philadelphia
- ROCQUE, CARLOS**
 1968 — Grande Enciclopédia da Amazônia. Vol. 5. Amazônia Editora Ltda. Belém
- RODRIGUES, JOÃO BARBOSA**
 1875 — Ídolo Amazônico achado no Rio Amazonas. Tip. de Brown & Evaristo. Rio de Janeiro
 1889 — O Muiraquitã e os Ídolos Amazônicos. Estudo da origem da civilização do Amazonas nos tempos pré-históricos. 2a. Ed. 1.º Vol. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro
- SIMÕES, MÁRIO F.**
 1972 — Índice das Fases Arqueológicas Brasileiras, 1960-1971. Publicações Avulsas N.º 18. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém
 1976 — Nota sobre duas Pontas-de-Projétil na Bacia do Tapajós. Publicações do Museu Paraense Emílio Goeldi. NS. Antropologia N.º 62. Belém
- SIMÕES, MÁRIO F. & ARAUJO-COSTA, FERNANDA**
 1978 — Área da Amazônia Legal Brasileira para Pesquisa e Cadastro de Sítios Arqueológicos. Publicações Avulsas N.º 30. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém.
- STEWART, JULIAN H. & FARON, LOUIS C.**
 1959 — Native Peoples of South America. Mac-Graw-Hill Book Company. New York.
- VERISSIMO, JOSÉ**
 1884 — Idoles de l'Amazonie. Imp. Pitrat Ainé. Paris

ENGLISH SUMMARY

In this article, the author studies one lithic statuette collected in the past century, on the Paru River (State of Pará, Brazil), by Barbosa Rodrigues.

It is discussed and analysed the position of this artifact inside of all methodological approaches used in the study of archaeology of Amazon Basin. Wow is impossible includ it in the serial sequences knowledged, the author concluded to be "a trade-piece" received by the group located in the Paru River region, in proto-historic time, probably originary of Andean-Colombian region.





